TRÊS PARTIDOS E A RELAÇÃO COM AS CLASSES. UMA INTERPRETAÇÃO SOBRE O PAPEL DO PTB, PCB E PT A PARTIR DAS LENTES DE GRAMSCI

Fabiano Rosa de Magalhães
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Araçuaí-MG, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2349-1629
Endereço eletrônico: fabiano.magalhaes@ifnmg.edu.br

Palavras-chave: Gramsci; partido da classe; PT; PCB; PTB.

INTRODUÇÃO

Entre 1846 e 1848, Marx e Engels expõem alguns princípios do que seria o papel de um partido revolucionário. Eles sugeriram que o partido não é uma organização que surge acima da luta de classes. Conforme Löwy, (2023), os oprimidos, por meio das lutas de classes, criam o partido, "*mediador* teórico e prático entre a totalidade – o objetivo final do movimento operário – e cada momento parcial do processo histórico da luta de classes." (p.9). E sintetiza: "Seu papel não é agir no lugar ou "acima" da classe operária, mas *orientá-la* para o caminho de sua autolibertação, para a revolução social." (p. 10)

Partindo desses pilares, Antônio Gramsci produziu uma teoria política sobre o partido da classe. Dentre os diversos conceitos produzidos por ele, está o do partido-príncipe, a partir do Príncipe de Maquiavel, além do conceito de Bloco Histórico.

A noção de bloco histórico é particularmente interessante para a compreensão desse caráter dinâmico porque remete à relação entre a dimensão da estrutura econômica e a superestrutura. Portelli (1977, p. 15) assim define:

> Se considerarmos um bloco histórico, isto é, uma situação histórica global, distinguimos aí, por um lado, uma estrutura social – as classes que dependem diretamente da relação com as forças produtivas – e, por outro lado, uma superestrutura ideológica e política.

É sob essa perspectiva que Gramsci irá centrar esforços para compreender os mecanismos de dominação histórica, dando ênfase nos processos culturais, políticos e ideológicos que se tornam hegemônicos em determinado momento. Esse termo – hegemonia

– é associado ao âmbito da sociedade política, uma das atividades da superestrutura. A sociedade política mantém vínculo com a sociedade civil (Marangoni, 1981) através da dominação, quando utiliza a coerção, ou como grupo dirigente de grupos próximos e aliados. Nesse caso, a classe dominante obtém a hegemonia, que seria a atração que os membros que essa classe exerce sobre as demais classes, formando, através desses laços, um bloco ideológico.

Em termos gramscianos, o partido da classe seria o caminho para romper esse bloco dominante e construir outro bloco histórico. O partido, para ele é a representação do príncipe moderno, de Maquiavel, ou seja, uma força política capaz de dirigir a classe trabalhadora rumo às mudanças. Conforme as palavras do autor:

> O moderno-príncipe, o mito-príncipe, não pode ser uma pessoa real, um indivíduo concreto; só pode ser um organismo; um elemento complexo de sociedade no qual já tenha se iniciado a concretização de uma vontade coletiva reconhecida e fundamentada parcialmente na ação. Este organismo já é determinado pelo desenvolvimento histórico, é o partido político: a primeira célula na qual se aglomeram germes de vontade coletiva que tendem a se tornar o partido universais e totais. (Gramsci, 1989, p. 6, grifos meus)

Daí a importância que ele confere à política, na sua acepção ampla. Sua ideia de política, conforme aponta Coutinho (2011, p.110), seria a "passagem do determinismo econômico à liberdade política". É pela política que a classe pode realizar o que Gramsci chamou de "Catarse", ou seja, passar da visão economicista, para a consciência universal de classe. Em sintonia, Gramsci aponta sobre quais deveriam ser as tarefas desse príncipe moderno:

> O moderno Príncipe deve e não pode deixar de ser o propagandista e o organizador de uma reforma intelectual e moral, o que significa criar o terreno para um desenvolvimento ulterior da vontade coletiva nacional-popular no sentido de alcançar uma forma superior e total de civilização moderna. (GRAMSCI, 1989, p. 8)

Mas o partido também pode conter contradições nesse processo de luta, até porque a classe dominante também pode agir por meio do partido, para cooptar a classe dominante. Trata-se do fenômeno que ele chama de *transformismo*, que consistiria na absorção de dirigentes dos grupos dominantes para dentro do partido revolucionário.

Considerando a definição de Gramsci sobre o partido como príncipe moderno, proponho a seguinte questão: a premissa do partido político como príncipe pode ser observada no quadro histórico brasileiro? Caso seja afirmativa a premissa anterior, então quais partidos

poderiam ser assim considerados?

METODOLOGIA

A discussão que é apresentada nesse resumo é derivada da pesquisa de doutorado, na sua fase teórica. A proposição é analisar a criação do PT no Vale do Jequitinhonha. A primeira fase da pesquisa é de caráter bibliográfico, consistindo na análise da construção partidária (e as respectivas estratégias e conteúdo programático) entre 1920 e 1964. E, no segundo recorte, a construção partidária a partir da abertura política desde fim dos anos de 1970.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Gramsci ajuda compreender o contexto da luta de classe, em que a classe busca projetar sua contraposição ao poder da burguesia. Analisar a história dos partidos é compreender a dinâmica de classes da própria nação.

Dentro do quadro partidário brasileiro, a partir da República, considero que três partidos podem ser inseridos dentro de uma base de apoio classista: o PTB, o PCB e o PT.

A partir da exposição buscarei esclarecer essa proposição.

Dois partidos da classe e um partido para a classe

Os três partidos que passo a considerar aqui se constituíram a partir de amplo apoio da classe trabalhadora, muito embora seja necessário considerar que cada um deles construiu orientações programáticas distintas em face da democracia e do socialismo (PCB e PT), ou em relação à não superação do capitalismo (PTB)[1].

PTB – um partido para a classe

Parece contraditório inserir o PTB como um partido de classe. De fato ele não foi um partido da classe, isto é, não surgiu a partir da classe. Não obstante, é preciso entender o seu papel a partir do conceito gramsciano de "relação de forças".

Ele surgiu de cima para baixo, ou seja, um partido para a classe, tendo sido criado em torno de Getúlio Vargas (1945) para sustentar o Estado Populista. Sua origem só pode ser explicada no próprio contexto de enfrentamento diante do crescimento organizativo do

[1] Conforme Gomes (1988), o PTB visava o apoio da classe trabalhadora que emergia como força expressiva no cenário nacional. O trabalhismo de Vargas inspirava-se no modelo corporativista italiano, segundo o qual a sociedade (capitalista) deveria sustentar-se em torno de alianças entre patrões e classe trabalhadora e o fim da luta de classes.

operariado, conforme aponta Gomes (1988). Iani (1975, p. 10) indica que o populismo surgiu como forma de instrumentalização das massas trabalhadoras, "ao mesmo tempo que manipula as manifestações a possibilidades da sua consciência". O populismo apresenta-se como uma reação à classe, mas buscando incorporá-la numa coalização que visa "obscurecer as linhas de classe e valorizar as massas, o povo, igualando ideologicamente interesses heterogêneos" (op cit. P. 44).

De acordo com Singer (2018), o PTB disputou com os comunistas o apoio dos trabalhadores, sendo, inclusive, o artífice da cassação do PCB em 1947. Isso retirou dos comunistas a possibilidade de se tornar o partido da classe:

> Na sua ausência, uma organização composta de cima para baixo com nítidas feições populistas, o PTB, funcionou como experiência política para os trabalhadores até a sua extinção, em 1965 (Singer, 2018, p. 48)

O PTB teve importante de papel enquanto base de sustentação de Vargas, apoiando-se nas lideranças sindicais dos sindicatos criados oficialmente pelo Estado. Com o Governo de João Goulart (1961-1964) o partido foi um dos pilares das Reformas de Base, sendo considerado, nesse contexto, um partido reformista.

PCB e PT – Dois partidos da classe

Embora haja diferenças programáticas entre o PCB e o PT[2], além dos diferenciados contextos históricos em que os dois partidos foram constituídos, é possível considerar os traços de continuidade, sobretudo quando passamos a utilizar o arcabouço conceitual gramsciano.

Por mais que um partido de classe possa se apresentar como uma novidade histórica, isso não significa desconsiderar toda a construção da classe em termos de organização política. Secco (2023) considera que o PT representou, nos momentos de sua fundação, elementos de continuidade e de ruptura com a tradição do marxismo brasileiro, produzido entre 1954-1964.

Isto posto, o fato é que tanto o PCB, quanto o PT foram partidos constituídos a partir da construção da classe trabalhadora.

O PCB surgiu em 1922, junto com o surgimento das primeiras organizações operárias. Dentre as tarefas organizativas do PCB, uma delas seria a constituição de sindicatos em

[2] Conforme Iasi, et. al (2019), o PCB orientou-se pela Estratégia Nacional-democrático e o PT, orientou-se pela Estratégia Democrático-Popular, considerando que o amadurecimento da participação popular e da democracia seriam condições básicas para que chegasse ao socialismo, numa etapa posterior.

categorias desprovidas de organização sindical, ou a disputa da direção daqueles que já existiam. Assim, diversas entidades sindicais urbanas e rurais dirigidas pelo partido tiveram importante papel nas Reformas de Base.

Esse movimento de fazer política das classes populares teve duração efêmera. Aquele ciclo de mobilizações que tinha forte influência do PCB e do PTB foi abruptamente encerrado com a cassação dos mandatos parlamentares, destituição de diretorias sindicais e perseguição aos militantes de esquerda.

Após um hiato de mais de 20 anos, a classe trabalhadora começou a se articular e construiu o PT, em 1980. O PT foi forjado no contexto histórico singular de emergência de diversas lutas de movimentos sociais. Desde então, a articulação dos partidos de esquerda, capitaneada pelo PT, constituiu uma estratégia política catalisadora das demandas da classe trabalhadora, passando a dinamizar a ação política de diversos grupos, desde as grandes cidades até o interior e o campo.

CONCLUSÕES

Voltando à Gramsci, seria possível concluir que a luta de classe no Brasil resultou na configuração de um partido para a classe trabalhadora, estruturado de cima para baixo – O PTB, cuja fundamentação se insere no escopo de uma tentativa de frear o avanço das organizações da classe trabalhadora.

Por outro lado, a classe produziu, de baixo para cima, duas organizações, em ciclos distintos. PCB e PT representaram, em alguma etapa das suas trajetórias, o esforço da classe para romper o bloco histórico da burguesia e propor o bloco histórico da classe. Isso não se deu sem contradições também no campo da classe., como o *transformismo,* sobretudo a partir das alianças de classe que o PT fez, ao chegar ao poder.

Por outro lado, a cooptação dos partidos da classe ou a derrota temporária como ocorreu no contexto da Ditadura, não significa o fim da classe. Por vezes, o ciclo de um partido é encerrado para a abertura de outro, num patamar diferenciado das lutas.

Como encaminha a perspectiva de Marx e que é retomada em Gramsci: a dialética ensina que o novo não é necessariamente uma superação do antigo. Desta forma, embora haja elementos de ruptura no contexto que produziu o PT, há aspectos de continuidade/acúmulo das lutas históricas produzidas pela classe em outros momentos.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Carlos Nelson. **De Rousseau a Gramsci.** São Paulo: Boitempo, 2011.

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo.** São Paulo: Vértice, 1988.

GRAMSCI, Antônio. **Maquiavel, a política e o Estado Moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

IANI, Octávio. **A formação do Estado populista na América Latina.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

IASI, Mauro Luís. FIGUEIREDO, Isabel Mansur. NEVES, Victor. **A estratégia democrático-popular**: um inventário crítico. Marília-SP: Lutas Anticapital, 2019.

LÖWY, Michael. A teoria marxista do partido. **Crítica Marxista**, Campinas, v. 30, n. 56, p. 9–32, 2023. DOI: 10.53000/cma.v30i56.18790.

MARANGONI, Maria do Carmo. A noção de "Bloco Histórico". **Reflexão.** PUC Campinas. v. 6, n. 19, 1981. Disponível em: https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/11100. Acesso em 09 abr. 2026.

PORTELLI, Jugues. **Gramsci e o bloco histórico.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SECCO, Lincoln. **História do PT.** Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2023.

SINGER, André. **O lulismo em crise.** Um quebra cabeça no período Dilma (2011-20196). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.